



“O ACIDENTE MISTERIOSO”: o discurso escrito de crianças em processo de alfabetização

Andréa Pessoa dos Santos¹

Letícia Garcia David²

Eixo temático: 08 - Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este texto apresenta análises realizadas no âmbito do Projeto de Extensão “A organização da escrita de crianças em processos de alfabetização”, que vem sendo desenvolvido pela UERJ/FEBF - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense em parceria com uma escola da rede municipal de educação em Duque de Caxias (RJ). Expandindo estudos anteriores (SANTOS, 2015), o Projeto objetiva possibilitar reflexões sobre os sentidos do discurso escrito de crianças em processo de alfabetização, a partir da compreensão da complexidade da prática didático-pedagógica empreendida em aulas voltadas à produção de textos escritos em sala de aula. Com base na concepção da linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2002), sobretudo, nos conceitos de discurso, dialogismo e gêneros do discurso, no paradigma indiciário (GINZBURG, 2002), na concepção de alfabetização como processo discursivo (SMOLKA, [1988] 2003), e no conceito de texto como materialização do discurso (SOBRAL, 2009), este artigo apresenta análises preliminares do texto produzido por uma criança do 2º ano do Ensino Fundamental (EF) acompanhada ao longo do Projeto. Assumindo também o aporte teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2008 e SOBRAL, 2016), os resultados deste estudo apontam para a necessidade de se compreender aspectos da “vida do discurso” (plano do discurso) materializados no texto infantil, que ultrapassam os limites de análises desta materialidade exclusivamente a partir da “língua-sistema” (plano da língua).

Palavras-chaves: Alfabetização; Discurso; Texto escrito; Gêneros do discurso; Análise Dialógica do Discurso.

Introdução

Em estudos anteriores (SANTOS, 2015) observamos aspectos da organização de textos escritos por crianças que frequentavam o 4º ano do EF em aulas de língua portuguesa voltadas à produção textual. Na época, destacamos que os movimentos discursivos dos textos infantis se organizavam a partir: das negociações de sentidos estabelecidos com os presumidos sociais dos gêneros do discurso trabalhados, dos jogos de imagem projetados pelo estudante em direção ao seu interlocutor privilegiado e, sobretudo, das experiências de vida da criança com os temas tratados.

¹Doutora em Educação (UFF/RJ). Professora Adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FEBF) - a.pessoas70@gmail.com

²Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FEBF) e Bolsista PIBIC/UERJ/FEBF - leticiaarciadavid@gmail.com

Neste estudo buscamos compreender os ângulos e as espessuras dos sentidos do discurso escrito de crianças em processo de alfabetização que se encontram no 2º ano do EF. Assim, conjugando a concepção da linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2002) o saber indiciário (GINZBURG, 2002), o aporte teórico da ADD (SOBRAL, 2016 e BRAIT, 2008) e a concepção de alfabetização como processo discursivo (SMOLKA, [1988] 2003), nosso olhar se volta para a escrita infantil a partir da compreensão da complexidade das condições de produção dessa escrita, considerando as vivências e as relações de ensino estabelecidas no processo inicial de alfabetização numa escola pública marcada pela vivência do cotidiano de um território periférico.

Partindo da compreensão da complexidade da prática didático-pedagógica empreendida no processo de ensinar e aprender a ler e a escrever, sobretudo em aulas voltadas à produção de textos escritos em sala de aula, e assumindo o arcabouço teórico-metodológico anunciado, visamos superar análises sobre a escrita infantil pautadas somente pela materialidade da “língua-sistema” (plano da língua) para, sem negá-la, compreendermos, no contexto da opacidade da linguagem e da realidade, os modos como crianças que vivenciam processos de alfabetização organizam e atribuem sentidos aos seus textos escritos a partir da “língua-discurso” (plano do discurso).

A escola parceira atende crianças da Educação Infantil ao primeiro segmento do EF (1º ao 5º ano) e está localizada no bairro Vila São Luiz, 1º Distrito de Duque de Caxias, cidade e bairro onde o *campus* da UERJ/FEBF se situa. Duque de Caxias está localizada na Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro. A escolha da escola se deu em função da rápida adesão da equipe pedagógica ao projeto, e por ela estar localizada nas proximidades da faculdade, facilitando, assim, tanto a frequência dos graduandos no cotidiano da escola como pela possibilidade de uma participação mais efetiva dos professores nos encontros promovidos pelo projeto na própria FEBF, considerando a facilidade de deslocamento entre a unidade escolar e a faculdade.

O Projeto vem sendo realizado a partir de três (03) movimentos articulados. Num primeiro momento, realizamos encontros presenciais com as dezoito (18) professoras da escola, uma (01) orientadora educacional, uma (01) diretora e cinco (05) bolsistas do Projeto. Nesses encontros mensais, realizados sempre nos horários reservados aos Grupos de Estudo das professoras, apresentamos o Projeto, refletimos sobre seus aspectos teórico-metodológicos e aprofundamos nossa compreensão sobre a complexidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em perspectiva discursiva. Refletimos também sobre os pressupostos que sustentam práticas pedagógicas voltadas para a aprendizagem da linguagem escrita através do entendimento do texto como unidade

de sentido (GERALDI, [1984] 2003), e do texto como a materialização do discurso dialógico, situado e encarnado.

O segundo movimento se constituiu a partir do acompanhamento, por parte das estudantes de Pedagogia da UERJ/FEBF, de práticas didático pedagógicas voltadas à produção de textos escritos nas salas das professoras que aceitaram participar do Projeto. Assim, as licenciandas puderam acompanhar, cada uma, uma (01) professora das quatro (04) professoras que lecionam nos anos iniciais do EF.

O terceiro movimento, realizado desde 2019, consiste na: 1) análise do conjunto de textos produzidos pelas crianças que integram as turmas acompanhadas e 2) apresentações das análises dos textos infantis em eventos acadêmicos externos e seminários internos feitas com e para os integrantes do Projeto e demais licenciados da UERJ.

Sendo assim, neste texto, apresentamos brevemente as análises preliminares empreendidas sobre o discurso escrito de uma (01) criança que vivencia seu processo de alfabetização numa turma de 2º ano que foi acompanhada pela bolsista do Projeto e coautora deste artigo.

Linguagem, alfabetização como processo discursivo e o texto infantil visto “com os olhos do gênero do discurso”: apontamentos teórico-metodológicos

A concepção de linguagem aqui adotada assume a natureza dialógica e ideológica do signo linguístico e do enunciado concreto (encarnado e singular), referências primordiais da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin. Assim, compreendemos que as interações verbais (oral ou escrita) são estabelecidas nas relações dialógicas e ideológicas entre sujeitos, não sendo entendidas, portanto, prioritariamente e tão somente, sob perspectivas estruturalistas da língua. Perspectivas estas que vêm subsidiando práticas de ensino que privilegiam os processos de decodificação (leitura) e codificação (escrita) de signos linguísticos em detrimento de aspectos enunciativos e socioculturais do sistema semiótico-ideológico basilar nos processos de aprendizagem.

Neste sentido, a linguagem verbal também está sendo entendida enquanto “material simbólico privilegiado do psiquismo” (BAKHTIN, 2002, p. 52), e “material semiótico-ideológico” (BRAIT, 2008, p. 98) que organiza a realidade como um sistema de referências, sendo, pois, uma semiologia atravessada pelo tratamento simbólico e ideológico partilhado através de diferentes ângulos e situações distintas de produção de sentidos nas comunicações discursivas.

A criança em processo inicial de aprendizagem da linguagem escrita mobiliza diversos sistemas de referências no processo de significação, relacionando-os não só ao

processo de codificação (escrita) e decodificação (leitura) de aspectos formais da língua-sistema (plano da língua), como aos mais diversos sistemas de referências existentes, e aos elementos linguísticos da ordem do sentido (plano do discurso).

Assim, reafirmamos que, no presente estudo, o processo de ensino e aprendizagem da linguagem verbal escrita é vista em sua integralidade concreta e viva, e não apenas sob prismas pautados pela compreensão de um sistema abstrato, indiferente às dimensões valorativas e desvinculadas do ato de sua materialização; e que privilegia a apropriação do sistema da escrita alfabética (SEA), enfatizando as relações letra-som-fonema-grafema através de práticas pedagógicas que se distanciam, muitas vezes, da linguagem verbal escrita entendida como prática social significativa.

Concebendo a alfabetização como prática sociocultural que se realiza a partir de processos necessariamente discursivos, entendemos que priorizar os “(...) aspectos fônicos da linguagem no processo inicial de alfabetização podem mascarar os modos como as crianças se aproximam do conhecimento da escrita”, obscurecendo, assim, outros “(...) aspectos que são observados pelas crianças quando operam com a língua viva, com o discurso social”. Como afirma Goulart (2014b, p. 162), os “(...) estudos sobre alfabetizar e alfabetizar-se têm muito a ganhar com o reconhecimento do discurso como o espaço em que as dimensões da linguagem se movimentam e produzem sentidos.”

Ressaltamos, portanto, a importância de se aprender a ler e a escrever “como enunciação, como movimento enunciativo, discursivo”, sendo possível, pois, “ensinar aspectos considerados ‘técnicos’ e ‘mecânicos’ da escrita - as letras, os nomes das letras, os sons das letras, as diversas relações entre letras, palavras, texto, etc. - enquanto formas de dizer.” (SMOLKA, 2017, p. 31). Nesta direção, o texto assume um importante papel teórico e metodológico nos processos de alfabetização em perspectiva discursiva. Tomados como ponto de partida e de chegada, os textos infantis que compõem o *corpus* das análises que realizamos no Projeto estão sendo entendidos como a materialização de discursos, portanto, como enunciados concretos, encarnados e culturalmente referenciados.

Concordando com o Sobral (2009, p. 86-87), assumimos que o texto é “(...) o *plano material de realização dos discursos e gêneros, ou melhor, dos gêneros via discursos*.” Isso implica dizer que os textos infantis vêm sendo analisados neste estudo a partir da recomendação de “ver o texto com os olhos do gênero”, uma vez que os textos só adquirem sentidos no âmbito dos gêneros do discurso.

Aspectos das condições de produção do discurso escrito de Ana³

A turma do 2º ano acompanhada foi composta por vinte (20) alunos com idade entre sete e oito anos, todos residentes nas proximidades da escola parceira, e que vivenciam, portanto, o cotidiano de territórios periféricos. Após a apresentação da proposta do Projeto, as crianças e a professora foram bastante receptivas à presença da bolsista em sala de aula.

Ao longo das seis (06) aulas acompanhadas foram coletados vinte e cinco (25) textos, sendo quatro (04) produções coletivas de lendas folclóricas, nove (09) contos de fadas, três (03) fábulas e nove (09) contos com base em “fatos do cotidiano”⁴. Considerando o volume de textos produzidos e analisados ao longo das aulas observadas, e ciente do espaço exíguo deste artigo, restringimos nossa apresentação a apenas 01 (um) dos 09 (nove) textos que foram produzidos na 4ª aula acompanhada pela bolsista, que ocorreu na turma da professora Hosana no dia 31 de outubro.

Neste dia, a professora iniciou sua orientação didática a partir de um breve relato sobre um acidente de carro que presenciou há algum tempo na Av. Washington Luiz, avenida central que corta muitos bairros de Duque de Caxias, inclusive o bairro da escola parceira. Partindo do seu relato sobre um “fato cotidiano”, a professora solicitou que as crianças produzissem “(...) *uma pequena história usando as seguintes palavras*: hospital - acidente - médico - carro - morreu - criança - ônibus”.

A partir desta orientação e das palavras dispostas no quadro, as crianças deveriam produzir um “conto” através de alguma experiência vivenciada ou inventada por elas. A professora ressaltou que o texto produzido deveria conter todas as palavras expostas no quadro. Inicialmente, observou-se, no conjunto de textos analisados, que as crianças fizeram suas produções buscando atender à orientação da professora. No entanto, como vamos detalhar na próxima seção, não foi este o movimento discursivo de todas as crianças.

“O acidente misterioso”: o discurso escrito de Ana

De acordo com a perspectiva de “ver o texto com os olhos do gênero” (SOBRAL, 2009), e recuperando estudos anteriores (SANTOS, 2015), estabelecemos que o texto escrito de Ana, criança de 08 anos de idade, seria analisado em sua dimensão discursiva a partir de três focos:

³ Nome fictício.

⁴ Denominamos esta orientação didática como “fatos do cotidiano” por serem elaborações didáticas sugeridas por fatos do cotidiano, gerando perspectivas pedagógicas autorais da professora.

- 1) as posições responsivas assumidas na dinâmica da alternância dos sujeitos do discurso, implicados no curso das relações dialógicas e relações de ensino (que difere da “tarefa de ensinar”) estabelecidas no espaço-tempo de sala de aula;
- 2) as vozes sociais agenciadas na elaboração dos projetos enunciativos dos alunos e professores, reveladas no curso das negociações de sentidos na dinâmica das aulas observadas;
- 3) as vozes sociais agenciadas na execução dos projetos enunciativos das crianças, entrevistas nos textos infantis analisados. (Santos, 2015, p. 141).

Neste sentido, e recuperando a descrição feita anteriormente sobre a orientação didático-metodológica encaminhada pela professora, nos chama atenção, inicialmente, os indícios que sinalizam sentidos possíveis do projeto enunciativo da professora que, ao solicitar a produção de texto aos alunos, estabelece um conjunto de palavras predeterminadas: hospital, acidente, carro, ônibus, criança, médico e morreu. Assim, considerando o impacto das relações discursivas estabelecidas pelo projeto enunciativo da professora, no momento da condução da proposta de produção de texto, podemos inferir que ao solicitar que o texto produzido incluísse todas as palavras indicadas no quadro, a professora, deliberadamente (ou não), direciona os sentidos possíveis que deverão compor o projeto enunciativo das crianças.

Analisando as orientações para a produção do texto, vale notar que ao indicar o verbo “morrer”, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito (“morreu”), a professora sinaliza que um dos personagens indicados (“criança” e “médico”) deveria morrer. Podemos inferir que, entre as opções de sujeitos/personagens sinalizados pela professora, o “médico”, que assume no imaginário social a função de salvar vidas, deveria manter sua posição social no projeto enunciativo das crianças; logo, este personagem deveria seguir salvando vidas.

Assim, por exclusão e numa correlação lógica de fatos presumidos, segundo o projeto enunciativo da professora, o personagem da narrativa que deveria morrer (“morreu”) seria a “criança”. Ao analisarmos a organização e os indícios de sentidos do discurso escrito da aluna Ana observamos que o projeto enunciativo da professora parece ter sido subvertido, em parte, pelo projeto enunciativo (o “querer dizer”) da aluna, sobretudo, no desfecho da sucessão de ações e de eventos organizados no tempo da narração produzida por Ana. Assim, observemos o texto da criança:

	<p style="text-align: center;">O ACIDENTE MISTERIOSO</p> <p>ERA UMA VEZ NO SABADO AS CRIANÇAS FORAM PASSEAR E ERA UM ADOLECENTE NO VOLANTE E ELE ESTAVA CANSADO E DAI ELE DORMIU ELES SOFREU UM ACIDENTE NO ÔNIBOS E LEVARAM ELAS PRA O HOSPITAL MAIS SÓ FALTOU O MEDICO SE NÃO FALTASSE O MEDICO IA CORER TUDO BEM MAI TODOS MOREU</p>
--	---

Fonte: Acervo do Projeto

Analisando o texto da menina, notamos que, adotando uma atitude responsivamente ativa diante do projeto enunciativo apresentado pela professora, Ana elabora sua narrativa considerando as palavras indicadas pela professora, exceto a palavra “carro”, substituída pela palavra “volante”. Notamos também que, na perspectiva das vozes sociais que atravessam a organização do seu texto, a menina acrescenta a palavra “adolescente”, um novo personagem não previsto no conjunto de palavras indicadas pela professora.

Ao acrescentar este personagem a aluna sinaliza que o adolescente provoca o “acidente misterioso” por estar dirigindo cansado. Na sequência que articula os acontecimentos subsequentes ao acidente, notamos que a aluna, diante das conjugações adversativas empregadas em seu texto, responsabiliza não só o adolescente, mas culpabiliza também o sistema de saúde pública pelas mortes dos personagens. Considerando, portanto, o fundo aperceptível dos seus interlocutores, e as vozes sociais que atravessam sua própria compreensão das intercorrências em hospitais públicos, Ana parece querer denunciar a precariedade do sistema de saúde pública que, por não dispor de um médico para atender os acidentados provoca a morte não só da “criança”, mas de “todos”: “(...) levaram elas [crianças] pra o hospital mais só faltou o medico se não faltase o medico ia corer tudobem maistodos moreu”.

Assim, fiel ao seu querer-dizer, Ana mantém a conjugação do verbo indicado pela professora (“morreu”), mas, garantindo a coerência em favor do seu projeto enunciativo, e do seu discurso escrito, rompe com a adequação da conjugação do verbo morrer (plano da língua); ou seja, ao invés de afirmar que “todos morreram”, a menina afirma que “todos morreu”.

O texto elaborado por Ana, quando analisado em sua dimensão discursiva, evidencia que a escrita infantil se constitui a partir de discursos outros e de vozes sociais que atravessam e organizam o seu discurso escrito não somente em resposta ao projeto

enunciativo da professora, mas também de acordo com o projeto enunciativo da criança que não abre mão da sua compreensão sobre a temática tratada. Certamente, haveria muito mais o que ressaltar sobre os aspectos revelados neste texto, mas, devido ao espaço exíguo deste artigo, não caberia apresentarmos uma análise mais detalhada das outras marcas observadas no texto da menina.

Considerações Finais

As análises preliminares realizadas até o momento sobre o conjunto de textos infantis ainda são embrionárias, mas já apresentam aspectos reveladores sobre as negociações de sentidos e a organização de vozes sociais que constituem tanto a elaboração e realização dos projetos enunciativos das professoras como a elaboração e realização dos projetos enunciativos dos textos escritos das crianças.

O material de pesquisa analisado, sugere, assim, que se é verdade que o tipo de orientação didática encaminhada pela professora marca a organização da escrita infantil na escola, pode-se dizer também que tal encaminhamento não é determinante na organização do discurso escrito infantil nem na posição responsiva assumida pela criança. Sob essa ótica, observamos que a criança, mesmo em situações coercitivas e deliberadas em sala de aula, vale-se do seu projeto enunciativo para garantir o seu querer-dizer.

Ao assumirmos a perspectiva teórico-metodológica que prevê a articulação entre os pressupostos enunciativo-discursivos (BAKHTIN, 2003) e os princípios de uma análise indiciária (GINZBURG, 2002), estamos entendendo que os textos infantis, enquanto enunciados concretos, não podem ser desvinculados do contexto extraverbal socialmente referenciado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAIT, Beth. **Análise e teoria do discurso**. In: _____ (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. Tradução. São Paulo: Contexto, 2008.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, [1984] 2003.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179, [1986] 2002.

GONTIJO, Cláudia. **Alfabetização**. Revista Sede de Ler. Rio de Janeiro: Niterói. Ano 1, nº1, Novembro de 2010.

GOULART, Cecília M. A. **O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização.** Bakhtiniana: Revista de estudos do discurso, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-51, jul./dez. 2014a.

_____. **Perspectivas de alfabetização: lições da pesquisa e da prática pedagógica.** Raído, Dourados, v.8 n. 16, p. 157-175, jul./dez. 2014b.

_____; SANTOS, Andréa Pessoa dos. **Estudos do discurso como referência para processos de alfabetização em perspectiva discursiva.** In: _____. GONTIJO, Cláudia M. M.; FERREIRO, Norma S. de A. (Orgs.). A Alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2017.

SANTOS, Andréa Pessoa dos. **Linguagem, gêneros do discurso e práticas pedagógicas: a organização dos textos escritos de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro: 2015.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise bakhtiniana,** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 85-103, 1º sem. 2009.

_____; GIACOMELLI, K. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD.** Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SMOLKA, Ana Luiza B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo,** São Paulo: Cortez, Campinas, SP: editora da Universidade Estadual de Campinas, [1988], 2003.

_____. **Da alfabetização como processo discursivo: os espaços de elaboração nas relações de ensino.** In: GOULART, Cecília; GONTIJO, Cláudia M.M.; FERREIRA, Norma S de A. (orgs.) A alfabetização como processo discursivo: 30 anos de A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2017.